

Fernando Molica

Palco gospel atenta contra origem do Réveillon nas praias

Ao listar os artistas que se apresentarão no Réveillon e assim tentar mostrar que a Prefeitura não privilegiava evangélicos, Eduardo Paes provou o contrário: o palco gospel, no Leme, é o único que será dedicado a adeptos de uma corrente religiosa. Todos os outros 12 têm programação laica.

Ao designar um espaço exclusivo para músicos e fiéis de uma religião, Paes atenta contra as origens da grande comemoração nas praias em homenagem a Iemanjá e contra o próprio público: quem mora no Leme ou, até por razões logísticas, prefere ficar por lá na passagem do ano será obrigado a ouvir um repertório que deveria ficar restrito às igrejas, às casas dos fiéis e a eventos evangélicos, como as marchas para Jesus.

Num estado laico, nenhum cidadão deve ser obrigado a ouvir cânticos evangélicos, hinos católicos ou pontos de umbanda em uma festa que reúne pessoas de diferentes adesões religiosas, e, mesmo, ateus. Além disso, segundo o último censo, o catolicismo é a religião que reúne o maior número de adeptos no Estado do Rio: 38,92% (os evangélicos são 32%).

A criação, ainda mais com dinheiro público, de um espaço evangélico no meio de uma manifestação de raízes na umbanda reforça o proselitismo de boa parte dos fiéis deste campo do cristianismo. Para estes — especialmente os de viés pentecostal e neopentecostal —, devotos de outras religiões cultuam o demônio. Umbandistas e candomblecistas são as principais vítimas dos ataques, direcionados também a católicos.

Para muitos evangélicos, converter quem pratica outras crenças é uma obrigação. Essa lógica agrava ainda mais a existência de um palco gospel que, simbolicamente, funciona como uma espécie de cabeça de ponte cravada no território considerado inimigo.

Como ensina o historiador Luiz Antonio Simas, a festa nas praias começou no início dos anos 1950 por uma iniciativa do Tata (sacerdote) Tancredo Silva, criador da Federação Espírita de Umbanda e da Confederação Umbandista do Brasil. Com as homenagens públicas a Iemanjá, ele buscava popularizar a sua religião.

Quem tem mais de 50 anos deve lembrar que, nas noites de cada 31 de dezembro, a areia das praias ficava iluminada por velas, colocadas em pequenos buracos cavados por adeptos dessas religiões. Terreiros promoviam seus cultos à beira-mar, entregavam oferendas para Iemanjá, entoavam cânticos, davam consultas, distribuiam passes.

No final da década de 1980, um hotel da orla do Leme, o Méridien, resolveu promover uma queima de fogos para marcar a virada de ano. A iniciativa foi imitada por outros estabelecimentos, a nova festa derrubou a anterior e se tornou gigante; incorporada ao calendário oficial da cidade e passou a ser replicada em praticamente todas as cidades litorâneas do país.

Acuados, os umbandistas recuaram, passaram a fazer o culto mais cedo, ou em dias anteriores. O impacto foi tamanho que o 2 de Fevereiro — dedicado a Iemanjá em Salvador e em outras cidades — passou a ganhar força no Rio, o 31 de Dezembro foi sendo abandonado.

Paes, diante das críticas ao palco gospel feitas pelo babalaô Ivanir dos Santos, reclamou “do nível do preconceito dessa gente”. Preconceito é escrever “dessa gente”, expressão discriminatória, que aparta, que separa. E, prefeito, essa gente é que criou a festa, vale lembrar disso na hora de escolher a camisa branca — outra marca das religiões de origem africana — que certamente usará na chegada de 2026.

Tales Faria

Governo apostava na dupla Huguinho e Lulinha Paz e Amor na Paraíba

O Palácio do Planalto apostava em um relacionamento absolutamente tranquilo com a Câmara em 2026, se não houver algum grande desgaste na área econômica. E a chave para o entendimento é o presidente da Casa, Hugo Motta (Republicanos).

O relacionamento já esteve tão ruim que Motta chegou a romper publicamente com o líder do PT na Casa, o deputado Lindbergh Farias (RJ), que não mais será o líder. Em 2026, assumirá a liderança da bancada o deputado mineiro Rogério Correia, que se dá muito bem com Hugo Motta.

Além disso, na avaliação do Palácio do Planalto, o presidente da Câmara precisará do apoio de Lula na eleição de outubro em seu estado. Não tanto para ele próprio se reeleger deputado federal, o que considera tranquilo.

Hugo precisará do apoio do presidente para tentar eleger seu pai, Nabor Wanderley (Republicanos), como senador. Nabor amarga um terceiro lugar nas pesquisas, tendo à frente, disparado, o governador João Azevedo (PSB), e, em segundo lugar, o atual senador Veneziano Vital do Rego (MDB).

Lula tem pontuado nas pesquisas eleitorais do estado com cerca de 60% das intenções de voto para presidente. João Azevedo e Vital são seus aliados. Para Hugo Motta, caso seu pai seja identificado como oposicionista, afé é que ele não se elege mesmo.

No mínimo, o que o presidente da Câmara espera do presidente da República é que transmita também simpatia por Nabor Wanderley. E por conta dessa ex-

pectativa Hugo Motta já tem dado demonstrações de aproximação com o Palácio do Planalto.

Ele assumiu publicamente o namoro com o presidente Lula na sexta-feira, 23. Durante discurso na cerimônia de posse do novo ministro do Turismo, Gustavo Feliciano, uma indicação sua para o cargo. Motta “os embates” que teve com o governo, mas que, daqui para diante, fará “valer a confiança” do presidente da República.

Por outro lado, o governo considera fundamental o bom relacionamento com a Câmara em 2026. Caberá a Motta colocar em pauta e apoiar projetos decisivos para a campanha eleitoral. São eles:

A Proposta de Emenda Constitucional (PEC) da Segurança Pública; o Projeto de Lei Antifacção, com manutenção do texto aprovado pelo Senado; a PEC que propõe o fim da escala 6x1; e a expansão para todo o país da “Tarifa Zero” para o transporte público, reformulando a contribuição das empresas com o Vale-Transporte.

Se metade dessas propostas for aprovada e a outra metade avançar satisfatoriamente sua tramitação, os aliados do presidente Lula acreditam que estará praticamente garantida a reeleição.

São propostas que, se barradas, podem colocar a oposição em confronto contra a maioria do eleitorado. Também têm potencial para reverter a imagem que Hugo Motta construiu à frente da Câmara, de que “não se importa” com os mais pobres, conforme afirmou um outdoor colocado por adversários em seu estado que tanto o irritou.

Está redondamente enganado quem disse que “Hugo nem se importa” com eleição.

EDITORIAL

2026: o ano da escolha consciente

O ano de 2025 chega ao fim deixando um rastro inequívoco: a política esteve no centro do debate nacional do primeiro ao último mês. Julgamentos acompanhados com atenção, condenações que repercutiram além dos tribunais, projetos de lei discutidos sob forte pressão social, decisões institucionais que redefiniram rumos e reacenderam controvérsias marcaram um período intenso. Foi um ano em que a democracia brasileira foi constantemente testada, não apenas por seus mecanismos formais, mas pela forma como a sociedade reagiu, cobrou, questionou e participou.

Mais do que fatos isolados, 2025 revelou um ambiente político de vigilância permanente. Cada decisão pública foi amplificada pelas redes, analisada em tempo real, defendida ou contestada em espaços que nem sempre privilegiam o diálogo ou a informação de qualidade. A política deixou de ser episódica e passou a fazer parte do cotidiano, das conversas, dos celulares e dos lares. Isso demonstra interesse e envolvimento cívico, mas também exige maturidade coletiva.

Esse cenário nos conduz diretamente a 2026. Um ano eleitoral nunca surge desconectado do passado. Ele nasce do acúmulo de expectativas, frustrações, aprendizados e erros. Por isso, o próximo ano se impõe como um tempo de responsabilidade para todos. O voto não é um gesto automático

nem um ato impulsivo. É uma decisão com efeitos concretos sobre o presente e o futuro, que precisa ser exercida com reflexão, serenidade e compromisso.

Escolher bem começa por saber escolher informações. Em um ambiente saturado por discursos prontos, recortes fora de contexto e campanhas de desinformação cada vez mais sofisticadas, a atenção do eleitor se torna um bem valioso. As fake news não são apenas boatos ocasionais, muito menos as IAs da vida... São estratégias que distorcem percepções, fragilizam a confiança e enfraquecem a democracia. Combatê-las exige atitude individual, espírito crítico e a busca constante por fontes confiáveis.

O ano que se aproxima exigirá do brasileiro mais do que emoção ou indignação. Exigirá capacidade de ouvir, comparar propostas, analisar trajetórias e respeitar o processo democrático. Votar é um direito conquistado, mas também um dever que envolve responsabilidade com o coletivo. Não se trata de aderir a extremos, mas de fazer escolhas conscientes.

Ao encerrar 2025, a principal lição é clara. A democracia é um exercício contínuo. Ela não se resume ao momento do voto, mas é nas urnas que se materializa sua força. Que 2026 seja um ano de reflexão, de compromisso com a verdade e de responsabilidade com o futuro. O caminho do país passa pelo voto, e ele precisa ser feito com cuidado, informação e consciência.

Opinião do leitor

Doença

Informa o boletim médico do universo: o mundo está doente. Em frangalhos. Implodindo em rancor, ódio, fraudes, golpes, bravatas, insultos, badernas, desamor e intolerância. A insuportável ânsia pelo poder esmaga corações, destrói famílias, esperanças, sonhos. O mundo respira por aparelhos, recuperação difícil.

Vicente Limongi Netto
Brasília - Distrito Federal

Correio da Manhã

Fundado em 15 de junho de 1901

Edmundo Bittencourt (1901-1929) • Paulo Bittencourt (1929-1963) • Niomar Moniz Sodré Bittencourt (1963-1969)

Patrick Bertholdo (Diretor Geral)
patrickbertholdo@correiodamanha.net.br

Cláudio Magnavita (Diretor de Redação)
redacao@correiodamanha.com.br

Redação: Gabriela Gallo, Iye Ribeiro, Marcelo Perillier, Pedro Sobreiro, Rudolfo Lago (editor), William França e Rafael Lima (Coordenador editorial)

Serviço noticioso: Folhapress e Agência Brasil

Projeto Gráfico e Arte: José Adilson Nunes (Coordenação), Anderson Sá e Thiago Ladeira

Telefones: (21) 2042 2955 | (11) 3042 2009 | (61) 4042-7872

WhatsApp: (21) 97948-0452

Rio de Janeiro: Av. João Cabral de Melo Neto 850 Bloco 2 Conj. 520

Rio de Janeiro - RJ CEP 22775-057

Brasília: ST SIBSQuadra 2 conjunto B Lt 10 - Núcleo Bandeirantes

Brasília - DF CEP 7136-200

São Paulo: Av. Francisco Matarazzo, 1752, sala 2317, Águia Branca - São Paulo-SP - CEP 05001-200

Campinas: Avenida Aquidabã, 766, Sala 51, Centro - Campinas-SP, CEP 13010-132

www.correiodamanha.com.br

Os artigos publicados são de exclusiva responsabilidade dos autores e não necessariamente refletem a opinião da direção do jornal.